





Resenha do artigo intitulado “Ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19: uma análise do Instagram da Revista AzMina”¹


Review of the article titled “Feminist cyberactivism against domestic violence during the Covid-19 pandemic: an analysis of AzMina magazine's Instagram”

 ARK: 44123/multi.v5i9.1108

Recebido: 29/11/2023 | Aceito: 10/04/2024 | Publicado on-line: 23/04/2024

Luiz Fernando Cardoso de Souza²


 <https://orcid.org/0009-0006-1296-2778>

 <http://lattes.cnpq.br/2211199671790179>

UniProcessus – Centro Universitário Processus, DF, Brasil

E-mail: luizrede@hotmail.com

Brenda Cipriani Dias³


 <https://orcid.org/0009-0002-1878-5697>

 <http://lattes.cnpq.br/1299528200862963>

UniProcessus – Centro Universitário Processus, DF, Brasil

E-mail: brennaciprianidias@gmail.com

Tâmara Lane Dutra Ribeiro Piazzarollo⁴

 <https://orcid.org/0009-0003-2888-6800>

 <http://lattes.cnpq.br/0149328055814242>

UniProcessus – Centro Universitário Processus, DF, Brasil

E-mail: tamaralane@bol.com.br

Resumo

Esta é uma resenha do artigo intitulado “Ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19: uma análise do Instagram da Revista AzMina”. Este artigo é de autoria de: Marina Solon Fernandes Torres Martins e Márcia Vidal. O artigo aqui resenhado foi publicado na revista “Contracampo”, no ano de 2022.

Palavras-chave: Feminismo. Violência doméstica. Pandemia. Covid-19. Instagram. AzMina.

1 Resenha de aproveitamento da disciplina TC (Trabalho de Curso), do curso *Bacharelado em Direito*, do Centro Universitário Processus – UniProcessus, sob a orientação dos professores Jonas Rodrigo Gonçalves e Danilo da Costa. A revisão linguística foi realizada por Roberta dos Anjos Matos Resende.

2 Graduando em Direito pelo Centro Universitário Processus – UniProcessus.

3 Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Processus – UniProcessus.

4 Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Processus – UniProcessus.

Abstract

This is a review of the article titled "Feminist Cyberactivism against domestic violence during the Covid-19 Pandemic: an analysis of AzMina magazine's Instagram." This article is authored by Marina Solon Fernandes Torres Martins and Márcia Vidal. The reviewed article was published in the magazine "Contracampo" in the year 2022.

Keywords: *Feminism. Domestic violence. Pandemic. Covid-19. Instagram. AzMina.*

Resenha

Esta é uma resenha do artigo intitulado "Ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19: uma análise do Instagram da Revista AzMina". Este artigo é de autoria de: Marina Solon Fernandes Torres Martins e Márcia Vidal Nunes. O artigo aqui resenhado foi publicado na revista "Contracampo", no ano de 2022.

Sobre as autoras deste artigo, vamos examinar um pouco o histórico acadêmico e profissional de cada uma delas. Muitas vezes, o que compõe a formação ou experiência de uma autora influencia a maneira como aborda os temas sobre os quais escrevem. Portanto, vamos expor rapidamente um pouco mais sobre cada uma das autoras.

Marina Solon é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC) na linha de pesquisa Mídia e Práticas Socioculturais, desenvolvendo tese sobre violência política de gênero em redes sociais. Mestra em Comunicação pelo mesmo Programa (2021) com bolsa financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Especialista em Escrita Literária pelo Centro Universitário Farias Brito (2019) e Graduada em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza (2013). Pesquisa no âmbito das redes sociais em questões de participação cidadã e ativismo digital dos feminismos e nesse campo se dedica aos temas de desigualdade, violência e dominação de gênero, resistências, mediações algorítmicas, capitalismo e cultura de vigilância, tecnorresistências, tecnoativismos, subalternidade, decolonialidade, racismo, branquitude e imagens de controle. Integra, enquanto pesquisadora, os seguintes grupos de pesquisa: Mídia, Política e Cultura, Telas e o Grupo de Pesquisa em História e Gênero, os três vinculados à UFC e ao CNPq. Possui prática docente ministrando os cursos online "Estudos Feministas: Por Onde Começar" e "Desconstruindo o Feminismo Branco". Tem experiência ainda na área de Comunicação tendo atuado profissionalmente enquanto repórter, editora assistente, analista de mídias sociais e integrando equipes de comunicação institucional. Atualmente é Coordenadora de Comunicação da Escola Porto Iracema das Artes, Instituição da Secretaria da Cultura do Ceará (Secult) gerida pelo Instituto Dragão do Mar (IDM) (<https://orcid.org/0000-0002-2915-0809>; <http://lattes.cnpq.br/2271938843222238>).

Márcia Vidal possui Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1983), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1991) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998). Atualmente é professora titular aposentada, atuando como professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, através do PROPAP/UFC (Programa Especial de Participação de Professores Aposentados da UFC), trabalhando, principalmente, com os seguintes temas: mídia, cidadania, radiojornalismo, políticas públicas e movimentos sociais (<https://orcid.org/0000-0003-3318-4937>; <http://lattes.cnpq.br/6100056550593067>).

Este artigo é dividido nos seguintes subtítulos: Resumo, Palavras-chave, *Abstract*, *Keywords*, Introdução, Os feminismos brasileiros no combate à violência doméstica, A atuação dos feminismos por meio de ONGs, A pandemia da Covid-19, O aumento da violência doméstica e as redes sociais, O Instagram de AzMina no combate à violência doméstica, Considerações finais, e Referências.

Este estudo investiga o desempenho do Instituto AzMina, uma Organização Não Governamental (ONG) com foco no feminismo e que utiliza as redes sociais como plataforma para promover questões feministas. A pesquisa analisou sete publicações feitas pela ONG no Instagram durante a pandemia de Covid-19, abordando o tema da violência doméstica. Essas postagens foram compartilhadas entre março e junho de 2020. O artigo avalia se a iniciativa de fornecer informações às mulheres para combater a violência doméstica contribui para criar um espaço de conscientização entre os seguidores do perfil da ONG no Instagram. O artigo segue uma abordagem qualitativa, analisando imagens, textos e comentários das publicações para identificar o ciberativismo feminista promovido pelo Instituto AzMina sobre a questão da violência doméstica.

O tema do artigo é o ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 mediante a análise do Instagram da Revista AzMina. Discutiu o problema do aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia que teve início em 2019 e como questões étnico-sociais se revelaram correlacionadas com a violência sofrida pelas mulheres. O artigo partiu da hipótese de que a tecnologia, por meio do ciberativismo presente nas redes sociais, pode ser um meio de empoderamento e enfrentamento de questões de violência doméstica.

Neste artigo, o objetivo geral foi analisar a atividade do Instituto AzMina ao longo do período pandêmico de 2019 e como ele piorou a realidade de violência doméstica das mulheres, notadamente as de cor preta e de baixa renda. Os objetivos específicos foram identificar a interação promovida no Instagram do instituto em torno do tema da violência doméstica.

Sobre a metodologia do artigo, trata-se de uma análise qualitativa (STRAUSS; CORBIN, 2018), mediante interpretação de imagens texto e comentários das postagens para identificar o ciberativismo feminista mobilizado pelo Instituto AzMina em torno do tema da violência doméstica.

Introdução

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública divulgou, em 2020, que no ano anterior houve dois crimes por minuto no âmbito da violência doméstica registrados em boletim de ocorrência policial no Brasil. Para as autoras, no ordenamento jurídico e nas organizações e instituições cívicas é que reside a procura por soluções para tal realidade. Afirmam, com razão, que o desenvolvimento da socialização dos gêneros tem alicerces na dominação e na opressão dos homens em detrimento das mulheres, o que explica o porquê de a violência doméstica atingi-las de forma majoritária.

Para Scott (2019, p. 70), os gêneros masculino e feminino são a base onde o poder político foi concebido e legitimado, sendo ele o primeiro campo por meio do qual o poder é articulado. Na visão das autoras, os vínculos em que as mulheres estejam em posição de inferioridade em relação aos homens podem fazer com que haja episódios de violência ao inseri-las em contexto de opressão, silêncio, vergonha e culpa. No que tange às relações entre entes familiares, para Corrêa (1981), um espaço de constrangimentos está reservado para as mulheres: há camadas de violência contra a mulher, sendo a violência física e a morte as situações extremas.

Questões materiais e de organização política transcendem a barreira familiar: para Scott (2019) a disparidade entre gêneros não se resume ao mero elo de parentesco. As autoras, adicionalmente, defendem que no Brasil o contexto de violência doméstica reclama maior atenção na temática racial, pois esta é uma das circunstâncias que agravam a fragilidade das mulheres. A relevância da observação interna aos cenários de gênero, classe social e raça se dá pelo fato de que, de acordo com o divulgado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, dois terços do total de vítimas de feminicídio são mulheres negras.

Os feminismos brasileiros no combate à violência doméstica

As autoras, de maneira relevante, apontam que há uma série de fatores que, diuturnamente, dificultam a aplicação efetiva das leis que amparam as mulheres inseridas no contexto de violência doméstica. Os movimentos de empoderamento feminino no Brasil têm questionado o sistema social patriarcal, que em alguns casos pode representar uma ameaça real à vida das mulheres. A Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) foi promulgada para criar mecanismos para combater e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Apesar da existência dessa proteção legal, as mulheres que enfrentam situações de violência muitas vezes enfrentam desafios ao buscar ajuda. Embora essa legislação represente um importante amparo, é fundamental reconhecer as falhas na proteção oferecida pelo Estado, já que, de acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, houve um aumento de 5,2% nos casos de violência doméstica em 2020 em comparação com o ano anterior.

A atuação dos feminismos por meio de ONGs

As autoras pontuam que existem diversas maneiras pelas quais os movimentos feministas se estruturam no Brasil, e uma delas envolve sua participação por meio da colaboração com Organizações Não Governamentais (ONGs). As Organizações Não Governamentais (ONGs) se transformaram em uma das formas de manifestação e estruturação dos movimentos feministas no Brasil. Apontam ainda, com razão, que as redes sociais têm se tornado parceiras tanto das mulheres quanto das organizações não governamentais (ONGs) que promovem o feminismo. São utilizadas para disseminar informações, oferecer suporte a relatos e impulsionar campanhas de mobilização.

Embora as redes sociais não representem uma solução instantânea para os problemas levantados, ressalvam as autoras, a coordenação *online* de movimentos sociais é vista como um avanço em direção à proteção de direitos e seu uso tem se tornado um dos meios pelos quais os movimentos feministas no Brasil estão ativos. Costa (2018) aduz que o Ciberativismo feminista, no contexto das redes sociais, permitiu que as mulheres se organizassem e, na visão das autoras, a reunião de mulheres em plataformas virtuais nos convida a considerar as oportunidades de cooperação política, bem como essas estruturas podem beneficiar as causas do feminismo.

A pandemia de Covid-19, o aumento da violência doméstica e as redes sociais

As autoras relembram o evento de saúde pública de alcance global que recontextualizou a questão da violência doméstica. Em 11 de março de 2020, a

Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a pandemia de Covid-19, uma doença inicialmente identificada na China em dezembro de 2019. Essa declaração ressaltou o momento em que o vírus se disseminaria por diferentes continentes, se propagando rapidamente entre os indivíduos. Na época, a orientação para a maioria das pessoas foi permanecerem em suas residências, minimizando o contato com outras pessoas. Isso resultou na adaptação das rotinas de trabalho e na reorganização das dinâmicas familiares. Conseqüentemente, muitas mulheres ficaram reclusas em suas casas.

Na visão das autoras, o distanciamento social evidenciou de forma clara o problema da violência doméstica, uma vez que obrigou mulheres que estavam sofrendo violência a compartilharem o mesmo espaço com seus agressores. A mídia logo destacou o aumento dos casos de mulheres em situações de violência doméstica, situação na qual as redes sociais ganharam ainda mais destaque como meio de comunicação. O distanciamento social resultou em um aumento do uso das redes sociais. De acordo com uma pesquisa da Comscore, o tempo gasto nas redes sociais no Brasil aumentou em cerca de 19% durante o período de isolamento. Vieira *et al.* (2020) entende no isolamento social o nível de controle e vigilância sobre as mulheres aumentou, tornando as redes sociais um meio de acolhimento e apoio para as vítimas.

O Instagram de AzMina no combate à violência doméstica

As autoras definem o Instituto AzMina como uma organização não governamental (ONG) que se autodenomina feminista e que tem operado principalmente na esfera virtual desde o ano de 2015. A instituição mantém presença em várias plataformas de mídia social, incluindo Facebook, Twitter, Instagram e Youtube. A abordagem do Instituto AzMina está em sintonia com uma forma de comunicação que tem o poder de transformar o discurso predominante em torno de um acontecimento específico. Essa forma de comunicação possibilita que as mulheres ocupem um lugar central nas narrativas informativas.

Durante a pandemia, o Instituto AzMina demonstrou vigilância e utilizou as mídias sociais como um ambiente para oferecer apoio, disseminar informações e promover a conscientização cidadã sobre o papel das mulheres na sociedade. O Instituto trabalha para criar uma presença *online* e desenvolve uma forma de ativismo digital que possui o potencial de moldar uma nova perspectiva ou cenário.

O Instituto utiliza o Instagram como uma das suas plataformas de mídia social, sendo esta uma rede com aproximadamente 1 bilhão de usuários mensais ativos. O perfil do AzMina no Instagram conta com 99,4 mil seguidores e já realizou 1.688 postagens. É uma organização feminista de renome que conquistou vários prêmios tanto a nível nacional quanto internacional.

As autoras pontuam que no período que antecedeu a pandemia de Covid-19, o Instagram da Revista AzMina já tratava com frequência o assunto violência doméstica. Foram selecionadas 7 publicações da conta naquela rede social inseridas no período crítico e após os primeiros sinais de contenção da doença. O objetivo é identificar a interação promovida no Instagram de AzMina em torno do tema violência doméstica.

A primeira publicação analisada, de 23 de março de 2020, aborda a violência doméstica no período pandêmico. Trata-se de um conjunto de 5 imagens dando sugestões diversas, mas com foco no convívio doméstico. O conteúdo, para as autoras, reflete o mapeamento de Uckus (2020) acerca do aumento do uso de redes sociais no período pandêmico e que isso poderia ser um fator utilizado a favor das

vítimas de violência doméstica. A pesquisa sugere a solidariedade entre mulheres como um meio de apoio, dentro de um contexto feminista, visando fortalecer as mulheres com objetivos comuns.

De acordo com as autoras, o conteúdo gerou 32 comentários. Enquanto algumas mulheres participam ativamente na discussão, também há casos de boicote. Um homem tenta impor sua perspectiva pessoal e minimizar as situações de violência vividas por algumas mulheres. Ele é identificado como alguém que faz parte do grupo social dos agressores e adota uma atitude que ridiculariza as mulheres, tornando-as desconfortáveis e silenciando sua participação. Isso está de acordo com a ideia de Spivak (2010), que argumenta que as pessoas em situação de opressão só podem falar se houver um contexto que as permita ser ouvidas. Quando intimidadas, as mulheres tendem a reagir, mas acabam encerrando o assunto que gostariam de debater em busca de apoio.

Nesta publicação, nove seguidoras compartilham o conteúdo com outros perfis. Uma seguidora relata ser ameaçada por alguém e menciona que a delegacia estava fechada em decorrência da pandemia, o que a deixou preocupada, especialmente considerando que as pessoas estão confinadas com seus agressores. Isso provoca a resposta insensível de um homem, que questiona a relação entre o casamento dele e a situação de ameaça da seguidora. Uma discussão surge, com sugestões de que as mulheres devem se separar de seus agressores e a seguidora explicando que ela não é casada. O usuário da rede social então faz comentários violentos, sugerindo que ela deveria usar a força contra o agressor.

As autoras revelam que, em seguida, outra seguidora compartilha sua situação de confinamento com um abusador narcisista, descrevendo seu sofrimento diário. O mesmo usuário responde insensivelmente, afirmando que a seguidora é a única responsável por resolver seu problema. Ela responde marcando o perfil da @revistaazmina, relatando o assédio que está sofrendo e questionando o conhecimento daquele homem sobre relacionamentos abusivos e suas condições pessoais. A discussão prossegue com a seguidora destacando a falta de empatia do usuário e sua provocação. O homem responde de forma irônica e provocadora, insinuando que a seguidora é imatura por marcar o perfil da @revistaazmina. Ela decide bloqueá-lo, e a Revista AzMina não se pronuncia sobre o embate.

Em outro comentário, uma seguidora questiona a falta de dicas para cuidar dos idosos, considerando isso fora do escopo de um perfil feminista. O mesmo usuário comenta que a postagem não é feminista, mas comunitária, e que o feminismo não envolve ações comunitárias ou de ajuda ao próximo. Seu comentário não recebe respostas. Isso mostra que o público da AzMina inclui homens que não necessariamente concordam com as publicações e, neste caso, zombam da situação em questão.

Em 27 de março de 2020, uma postagem introduz Maia, uma assistente virtual criada para identificar precocemente sinais de relacionamentos abusivos, visando prevenir a violência física. A postagem menciona que o isolamento social aumentou os casos de violência contra mulheres, com um aumento de 50% nos casos registrados pelo Plantão Judiciário do Rio de Janeiro nos primeiros dias de isolamento.

Carvalho (2020) destaca o uso das redes sociais pelos movimentos sociais como estratégia para garantir direitos, mesmo que não leve a uma resolução imediata. No entendimento das autoras, isso permite debater problemas, alcançar mais pessoas e engajar aqueles que se identificam com a causa. A postagem sobre Maia, a assistente virtual, recebeu nove comentários, todos positivos em relação ao uso das redes sociais para tratar do tema. As seguidoras, todas mulheres, demonstram

receptividade à tecnologia e ao engajamento na discussão. Várias seguidoras elogiaram a iniciativa.

Publicada em 31 de março de 2020, a terceira postagem analisada aborda a minimização da violência contra a mulher pelo presidente Bolsonaro, destacando que o problema não é falta de pão, mas sim o machismo. O texto ressalta que o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres vítimas de violência doméstica e defende a educação pela igualdade como a melhor forma de combater o machismo. O conteúdo gerou 16 comentários, incluindo apoio das mulheres e boicote por parte de homens. O isolamento social tem impactado mulheres, e as redes virtuais de suporte social são encorajadas. Alguns comentários destacam a falta de ação do presidente e a importância de discutir o tema, enquanto outros enfatizam que o lar é perigoso para as mulheres, independentemente do contexto do Coronavírus.

No mesmo perfil, o homem que anteriormente gerou um debate faz um comentário criticando a Revista AzMina e defendendo Bolsonaro. Ele acusa o perfil de ser ineficiente e afirma que atrapalham mais do que ajudam as mulheres. Seu comentário recebeu nove respostas, com duas seguidoras contra-argumentando. Elas mencionam cortes de verbas para o combate à violência doméstica e criticam Bolsonaro por seus discursos. O embate segue até que os envolvidos param de argumentar.

O texto observa que as mulheres concordam nos temas da revista "AzMina" e costumam se unir para rebater as posições de homens, mas não identificou intervenção da revista para proibir ou censurar esses comportamentos masculinos.

A publicação de 3 de abril de 2020 possui duas imagens: a primeira, uma mulher olhando pela janela, indicando mudanças no atendimento à violência doméstica durante a pandemia. A segunda, um gráfico mostrando que a maioria da violência contra mulheres ocorre no ambiente familiar. O texto menciona o Dossiê Mulher Rio de Janeiro 2019, que revela que 59,4% das mulheres no Rio de Janeiro sofreram violência doméstica em suas residências, com 33% das agressões ocorrendo durante a noite e aos finais de semana.

Na visão das autoras, o texto destaca que a pandemia tem agravado a questão da violência doméstica, afetando tanto o atendimento de vítimas quanto as medidas protetivas em desfavor dos agressores em decorrência das restrições de isolamento social. O texto menciona que atualmente os trâmites relacionados ao atendimento de vítimas de violência doméstica estão sendo realizados por *e-mail*, telefone e WhatsApp. Ele também fornece informações sobre o atendimento em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, e sugere a leitura completa da reportagem no *site* da Revista AzMina.

O conteúdo, para as autoras, serve de ponte entre as mulheres e as informações sobre como buscar ajuda legal durante a pandemia, posto que houve um aumento nos casos de violência doméstica. O perfil de AzMina atua como um filtro de informações relevantes para as mulheres, fornecendo cobertura da pandemia com foco em suas necessidades.

A postagem recebeu dois comentários de mulheres que marcaram outros perfis que poderiam ter interesse no conteúdo. Esse tipo de comentário é frequente, sugerindo que há um acesso ao conteúdo de AzMina que ultrapassa os seguidores do perfil.

Na publicação de 6 de abril de 2020, o tema violência doméstica durante a pandemia é abordado e direcionado para as mulheres em situação de risco. A postagem oferece orientações práticas, como ter um plano de emergência, deixar uma chave reserva acessível, guardar documentos importantes em um local de fácil

acesso, informar os vizinhos sobre a situação e estabelecer uma palavra de emergência com pessoas de confiança.

O texto da postagem destaca o aumento dos casos de violência doméstica durante as medidas de isolamento social e menciona que o Ligue 180 registrou um aumento de 18% nas denúncias na primeira semana. AzMina informa que está produzindo um conteúdo especial sobre a pandemia em parceria com outros veículos de informação e convida os seguidores a acessar o *site* para obter mais informações.

A postagem recebeu seis comentários, alguns marcando outros interessados, indicando uma rede de pessoas que compartilham o conteúdo. Alguns comentários expressam indignação com a necessidade das mulheres recorrerem a esses conselhos para se protegerem em suas próprias casas. Há um sentimento coletivo de solidariedade em relação a essa realidade vivida pelas mulheres.

Na postagem de 7 de abril de 2020 há o objetivo de criar uma rede de apoio entre mulheres capazes de ajudar outras em situação de violência doméstica, como oferecer abrigo e chamar a polícia, se necessário.

Para as autoras, o texto tem como objetivo de auxiliar as pessoas que desejam ajudar mulheres em situação de violência e informa que os serviços de acolhimento de mulheres em São Paulo e no Rio Grande do Sul estão operando *online* durante a pandemia. Novamente, o Instagram é reconhecido como ferramenta para promover o apoio mútuo e a conscientização.

Na última postagem analisada, datada de 19 de junho de 2020, se destaca a série de reportagens "Um vírus e duas guerras", com o texto alertando para as subnotificações e dificuldades em comunicar casos de violência doméstica durante esse período.

O texto destaca que usar as redes sociais para abordar o aumento da violência doméstica durante a pandemia é uma forma de fornecer informações e apoio para as mulheres vulneráveis. Além disso, serve de alerta aos agressores de que, apesar dos limites físicos impostos pela pandemia, as mulheres não estão completamente isoladas.

O conteúdo recebeu quatro comentários que expressam apoio e tristeza.

Considerações finais

A violência doméstica é um problema sério no Brasil, agravado pela pandemia de Covid-19. O Instituto AzMina, uma ONG feminista, abordou o tema no Instagram para conscientizar sobre a gravidade da situação, fornecer orientações às mulheres em situação de violência e incentivar a formação de redes de apoio. Essa ação faz parte do ciberativismo feminista.

As autoras enfatizam que o tema da violência doméstica foi abordado nas postagens para chamar a atenção dos seguidores, utilizando recursos visuais impactantes e textos objetivos que se aproximam da vida cotidiana das pessoas, seguindo a lógica de consumo rápido de conteúdo nas redes sociais.

A análise qualitativa dos comentários revelou que a maioria do engajamento é positivo, com reflexões e compartilhamento de relatos pessoais sobre violência doméstica. No entanto, desperta insatisfações, gerando o boicote dos homens, enquanto as mulheres se apoiam mutuamente. Embora não seja possível mensurar a conscientização dos seguidores, o tema promove engajamento e solidariedade entre as mulheres, com reações mistas dos homens.

Costa (2018) argumenta que as redes sociais são o principal mecanismo de mobilização política atualmente. Este estudo destaca sua importância na

comunicação em torno de uma causa comum. No entanto, a limitação da análise qualitativa é a impossibilidade de mensurar a conscientização dos seguidores. Apesar disso, o engajamento em torno do tema é considerado importante, especialmente durante momentos críticos como a pandemia de Covid-19, que aumentou o uso das redes sociais.

Embora o futuro seja incerto, o presente tem despertado esperança com os feminismos utilizando o potencial das redes sociais para unir pessoas em torno de uma causa comum. Essa organização preenche lacunas, estimula reflexões e busca construir uma nova realidade possível.

Referências

ALCÂNTARA, Livia. **Ciberativismo e Movimentos Sociais**: Mapeando Discussões. Aurora, v. 8, n. 23, p. 73- 97, jun./set. 2015.

BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista**: Arte, Cultura, Política e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p 23-42.

BRASIL. **Lei n. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em 30 out. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: O Longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista**: Arte, Cultura, Política e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60. XX-YY.

CORRÊA, Mariza. **Os Crimes da Paixão**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GOHN, Maria da Glória. **O Protagonismo da Sociedade Civil**: Movimentos Sociais, ONGs e Redes Solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio/ago. 2011.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como elaborar uma resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 3, n. 7, p. 95–107, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3969652. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/41>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como escrever um artigo de revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 2, n. 5, p. 29–55, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.4319105. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/122>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como fazer um projeto de pesquisa de um artigo de revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 2, n. 5, p. 01–28, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.4319102. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/121>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Escolha do tema de trabalho de curso na graduação em Direito. **Revista Coleta Científica**. Vol. 5, n. 9, p. 88–118, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5150811. Disponível em: <<http://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/58>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAUBRICH, Alexandre. **Mídias Alternativas: A Palavra da Rebeldia**. Florianópolis: Insular, 2017.

LEMOS, André. Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André, CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. XX-YY

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma cultura copyleft?. **contemporanea|comunicação e cultura**, v. 2, n. 2, p 9-22, dez. 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela (Orgs.). **Análise de Redes Para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROSAS, Juliana. Mídia Ninja, Mídia Tradicional e Accountability. **Extraprensa**, v. 7, n. 2, p. 121-131, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. **Cadernos Pagu**, Dossiê: Feminismo em questão, Questões do feminismo, s.v., n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência Doméstica: Questão de Polícia e da Sociedade. In: CORRÊA, Mariza (Org.) **Gênero & Cidadania**. Campinas-SP: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero -Unicamp, 2002. 59-70. (Coleção Encontros)

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**. In: *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019.

SOLON, Marina; VIDAL, Márcia. Ciberativismo feminista em combate à violência doméstica durante a pandemia de Covid-19: uma análise do Instagram da Revista AzMina. **Contracampo**, Niterói, v. 41, n. 2, p. 01-19, maio/ago. 2022.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet (Orgs.). **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, Pâmela; ROCHA, Leila; MACIEL, Ethel. Isolamento social e violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n.23, p. 1-5, 2020.

UCKUS, Fabiana. Consumo de mídia durante a pandemia de coronavírus no Brasil. **Comscore**, 14 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>>. Acesso em: 10 set. 2023.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.